



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PPPG
PROGRADUACAO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

**IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS/ATIVIDADES FÍSICAS PARA
MELHOR QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM
DOENÇA FALCIFORME**

Paula Karolainny Soares Ramires¹; Lea Barbetta Pereira da Silva²

1. Bolsista/PROBIC, Graduanda em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

paula.karolainny.sramires@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: barbetta@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: doença falciforme; atividade física; grupo focal.

A Educação Física desempenha um papel vital no desenvolvimento infantil, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, que a define como um componente curricular obrigatório (BRASIL, 1996). Esta área do conhecimento não apenas promove a formação de indivíduos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, mas também oferece uma gama de experiências que são fundamentais para o desenvolvimento físico, mental e espiritual das crianças. Durante a infância, um período crucial para o crescimento e desenvolvimento de qualidade, o movimento corporal se revela essencial, permitindo às crianças explorar suas habilidades motoras, aprender sobre solidariedade e cooperação, e compreender as mudanças e limites de seus corpos (SILVA et al., 2022).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) reforça que o movimento vai além do simples deslocamento corporal, constituindo uma forma de interação com o espaço e um meio para a expressão individual (BRASIL, 1998). Contudo, a realidade brasileira enfrenta desafios significativos, como a alta taxa de crianças fora das creches e pré-escolas, apesar dos direitos garantidos pela Lei nº 13.306/2016 (BRASIL, 2016). Além disso, a falta de diretrizes específicas para a promoção de atividades físicas para diferentes faixas etárias, especialmente para as mais jovens, evidencia a necessidade de uma abordagem mais eficaz (MARTINS, 2020).

A importância do movimento corporal é ainda mais evidente na presença de condições de saúde como a doença falciforme (DF), é o resultado de uma alteração na síntese da hemoglobina que passa a ter o formato de foice. Os impactos dessa modificação são diversos, comprometendo de forma sistêmica o suprimento de sangue e oxigênio em todo o organismo. A principal característica dessa hemoglobina falcizada é a diminuição da sua elasticidade o que a torna rígida e incapaz de deformar-se à medida que passa através de capilares estreitos, levando a oclusão de vasos e isquemia (Silva, et al. 2022).

Obeagu et al. (2015) destacam que o déficit de sangue e oxigênio nos tecidos gera diversas complicações muitas vezes graves, levando as pessoas a constantes hospitalizações, e ao longo da vida a falcização das hemácias implica em efeitos sobre órgãos e sistemas que podem resultar em incapacidades físicas, motoras e cognitivas, comprometendo a possibilidade de executar atividades consideradas simples para a

maioria das pessoas, tais como estudar, praticar esportes, ir à praia, correr, jogar bola, exercer trabalhos que impliquem em emprego da força física e viver plenamente sua vida. Apesar dos desafios, a prática de exercícios físicos pode trazer benefícios significativos para crianças com DF, desde que adaptada e supervisionada adequadamente.

De acordo com Silva et al. (2022) a melhora do estado físico geral das pessoas com DF pode representar ganhos nos componentes da aptidão física e maior tolerância a esforços físicos, melhorando a execução das tarefas diárias que para crianças e adolescentes, inclui a participação plena nas atividades da escola.

O objetivo do presente estudo foi verificar a percepção de crianças e adolescentes com doença falciforme sobre a importância da prática de atividade física e exercício físico para qualidade de vida.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada através de salas de espera onde funciona o Programa de Apoio à Pessoa com Doença Falciforme (PAPDF) de Feira de Santana e em reunião com a Associação de Pessoas com Doença Falciforme de Feira de Santana (AFADFAL).

As salas de espera foram realizadas nos dias de atendimento clínico pediátrico no PAPDF onde as crianças e as mães participaram de rodas de conversa com as pesquisadoras sobre a importância da prática das atividades físicas para melhoria da qualidade de vida.

Em outro momento, durante a realização da reunião mensal da AFADFAL, a roda de conversa foi mais abrangente com a participação das famílias e das pessoas com DF que fazem parte da associação. O tema da roda de conversa foi o mesmo sobre a importância da prática de atividades físicas para melhoria da qualidade de vida.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

No geral, as crianças relataram que participavam das aulas de educação física na escola com restrições, pois se sentiam inseguras e muitas vezes cansadas durante as atividades. Não relataram nenhuma abordagem diferenciada pelos(as) professores(as) de educação física.

Já as mães e pais presentes na reunião, destacaram a importância de prática de atividades físicas para as crianças, mas descreveram seus medos e insegurança pois notam que não há conhecimento dos(as) professores(as) sobre a DF, especialmente na área de educação física.

Por outro lado, relataram o desejo de que o tema seja abordado nos cursos de formação e que toda a comunidade da escola possa compreender as principais manifestações clínicas da DF para que o planejamento das atividades possa incluir todas as crianças.

Um estudo realizado por Segava e Cavalcanti (2011) mostrou que algumas crianças e adolescentes com anemia falciforme tiveram baixo desempenho nas aulas de educação física ou mesmo ausência de satisfação em participar das aulas. As limitações foram mais observadas em atividades que envolveram o corpo como um todo como, por exemplo, natação, dança e capoeira. Foram observadas essas alterações não apenas nas atividades físicas como também no próprio ato de brincar (Segava; Cavalcanti, 2011).

Mais recentemente, Silva et al. (2022) realizaram uma breve revisão de literatura sobre o tema e encontraram 12 trabalhos publicados nas bases de dados em língua portuguesa onde a maioria relatou que atualmente não existem critérios para a elegibilidade ou desclassificação para o exercício físico para crianças e adolescentes com DF, o que deixa especialistas da área inseguros para recomendar ou não esse tipo de

atividade, pelo risco de desenvolver complicações, o que de certa forma, desencoraja essas pessoas a se exercitarem ou praticarem esportes.

Ainda de acordo com essa revisão, os estudos demonstraram que crianças e adolescentes com DF apresentaram baixos níveis de atividade física e gasto energéticos comparados a indivíduos saudáveis. O mesmo foi observado em relação a aptidão física, onde essa população demonstrou redução de força e flexibilidade.⁵⁸ As consequências da inatividade física e consequente baixa aptidão física repercutem também sobre a qualidade de vida, gerando um ciclo de comportamento hipersedentário (Merlet et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo fez uma breve aproximação com jovens com DF e seus familiares. Destacamos algumas intercorrências ao longo do planejamento, como o falecimento de um dos líderes da AFADFAL, o que impactou profundamente todas as pessoas e fragilizou o andamento da nossa investigação. Além disso, entre os meses de abril a junho de 2024, o número de internações de jovens com DF de Feira de Santana foi elevado, impossibilitando também nosso contato com as famílias.

De maneira geral, a invisibilidade da DF nas escolas e nos cursos de graduação de nível superior geram impactos importantes no cotidiano de crianças e adolescentes que não usufruem dos espaços para a prática de atividade física ou exercício físico com segurança e não conseguem alcançar os benefícios dessas práticas sobre sua qualidade de vida e saúde.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96.** Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- MERLET, AN *et al.* Como a doença falciforme prejudica a função muscular esquelética: implicações na vida diária. *Medicina e Ciência no Esporte e no Exercício*, v. 51, n. 1, pág. 4–11, 2019.
- OBEAGU, E. I.; OCHEI, K.; OKORO, O. Sickle Cell Anaemia : A Review Sickle Cell Anaemia : A Review. *[S. l.]*, n. April 2016, 2015.
- Organização Mundial da Saúde. (2019). **Diretrizes sobre Atividade Física para Crianças Menores de 5 Anos.** Genebra: OMS.
- SEGAVA, N. B.; CAVALCANTI, A. Análise do desempenho ocupacional de crianças e adolescentes com anemia falciforme * Analysis of the occupational performance of children and adolescents with sickle cell anemia. *[S. l.]*, p. 279–288, 2011.
- SILVA, L. B. P. et al. O que sabemos sobre aptidão física, atividade física e exercícios para jovens com doença falciforme? Um estudo de revisão. **Saúde.com**, v. 18, n. 3, 12 out. 2022.